

A Marginal de Leça da Palmeira. Deambulações no tempo e pelo espaço, rumo à “arquitetura” de Siza

*The Leça da Palmeira Waterfront. Wanderings
through time and space, towards Siza's
“architecture”*

José Guilherme Abreu

(Universidade Católica Portuguesa Centro Regional do Porto)

Mário Mesquita

(Universidade do Porto)

Resumo: Este artigo examina a evolução histórica, urbana e arquitetônica da Marginal de Leça da Palmeira (Portugal), desde o século XIX até a contemporaneidade, com ênfase na transformação impulsionada pelo Porto de Leixões e na intervenção seminal do arquiteto Álvaro Siza Vieira. Através de uma análise diacrônica, os autores exploram como a paisagem costeira, inicialmente marcada por atividades piscatórias e veraneio burguês, foi reconfigurada por infraestruturas portuárias e industriais, culminando no plano urbanístico de Siza (1960–1984). O texto ainda discute desafios contemporâneos, como a desativação da Refinaria da Sacor (2021) e a tensão entre preservação patrimonial e novas ocupações, sublinhando a fragilidade da fronteira entre espaço natural e humanizado.

Palavras-chave: marginal; Álvaro Siza Vieira; patrimônio arquitetônico; Porto de Leixões.

Abstract: This article analyses the historical, urban, and architectural evolution of the Leça da Palmeira waterfront (Portugal), from the 19th century to the present, focusing on the impact of the Port of Leixões and the seminal intervention by architect Álvaro Siza Vieira. Through a diachronic approach, the authors explore how a coastal landscape initially defined by fishing and bourgeois leisure was transformed by port and industrial infrastructures, culminating in Siza's urban plan (1960–1984). The text also addresses contemporary challenges, including the decommissioning of the Sacor Oil Refinery (2021) and tensions between heritage preservation and new land uses, highlighting the fragile boundary between natural and humanized space.

Keywords: waterfront; Álvaro Siza Vieira; architectural heritage; Port of Leixões.

DOI: <https://doi.org/10.47456/rf.rf.2132.49255>



Figura 1. Miramar de Leça, 1870. Fonte: Ramalho Ortigão (1876)

Preâmbulo

Escrito a duas mãos, o presente texto é uma deriva que se desdobra em direções distintas, porém complementares. O espaço, com os seus aspetos e encantos. O tempo, com a sua história e as suas antecipações.

A deriva pelo espaço, traz-nos à descoberta de nós, pelo confronto com ele. A deambulação pelo tempo, resgata-o do seu esconderijo no Passado, e mostra-nos o que sempre é.

Pelo tempo: deambulações cronológicas

No roteiro turístico e pitoresco As Praias de Portugal, de 1876, sobre Leça da Palmeira, Ramalho Ortigão escreve o seguinte:

Leça é nos subúrbios do Porto a praia preferida pela colónia inglesa, cujos hábitos, cavallos, trens, toilettes imprimem ao sitio a principal animação do seu aspecto exterior.

Na praia ha um miramar com este distico: “Real sociedade humanitária. João Pinto de Araújo, a bem da classe pescadora, mandou edificar em 1870.”

O miramar é destinado a dar senha aos barcos de pesca que passam à vista da costa em dias de mar bravo. (Ortigão, 1876, p. 39)



Figura 2. Foz do rio Leça, c. 1900, Postal Antigo.

A acompanhar a descrição, junta-se uma gravura, assinada por Pedrozo (Figura 1). Pela gravura, podemos observar o caráter agreste da praia de Leça, em 1876. Por esses anos, o veraneio realizava-se junto à embocadura, e nas margens, do rio Leça. O Miramar, como Ramalho Ortigão informa, servia para comunicar através de bandeiras com as embarcações que pretendiam entrar no estuário do rio Leça. Ao lado do Miramar, figurava um rochedo, encimado por uma coluna, que servia de base para acender uma fogueira, a fim de orientar à noite as embarcações pesqueiras. Entre o Miramar e o rochedo, ao longe, via-se ainda a fortaleza do Castelo do Queijo e o casario de Nevogilde, no Porto.

Já no início do século XX, uma fotografia tirada a partir do ângulo contrário (Figura 2), mostra-nos a embocadura do rio Leça durante a maré-baixa, vendo-se a mole do molhe norte do Porto de Leixões e a Torre Semafórica e Telegráfica de Leça, ainda só com três andares. O casario de Leça da Palmeira agrupava-se, então, em redor do Forte de Nossa Senhora das Neves, surgindo na fotografia o referido Miramar, implantado junto à foz do rio Leça, enquanto a presença dos carros-de-bois assinalava a intercessão entre a atividade marítima e a atividade campesina, de outrora, contrastando com a noção moderna de lazer e veraneio.

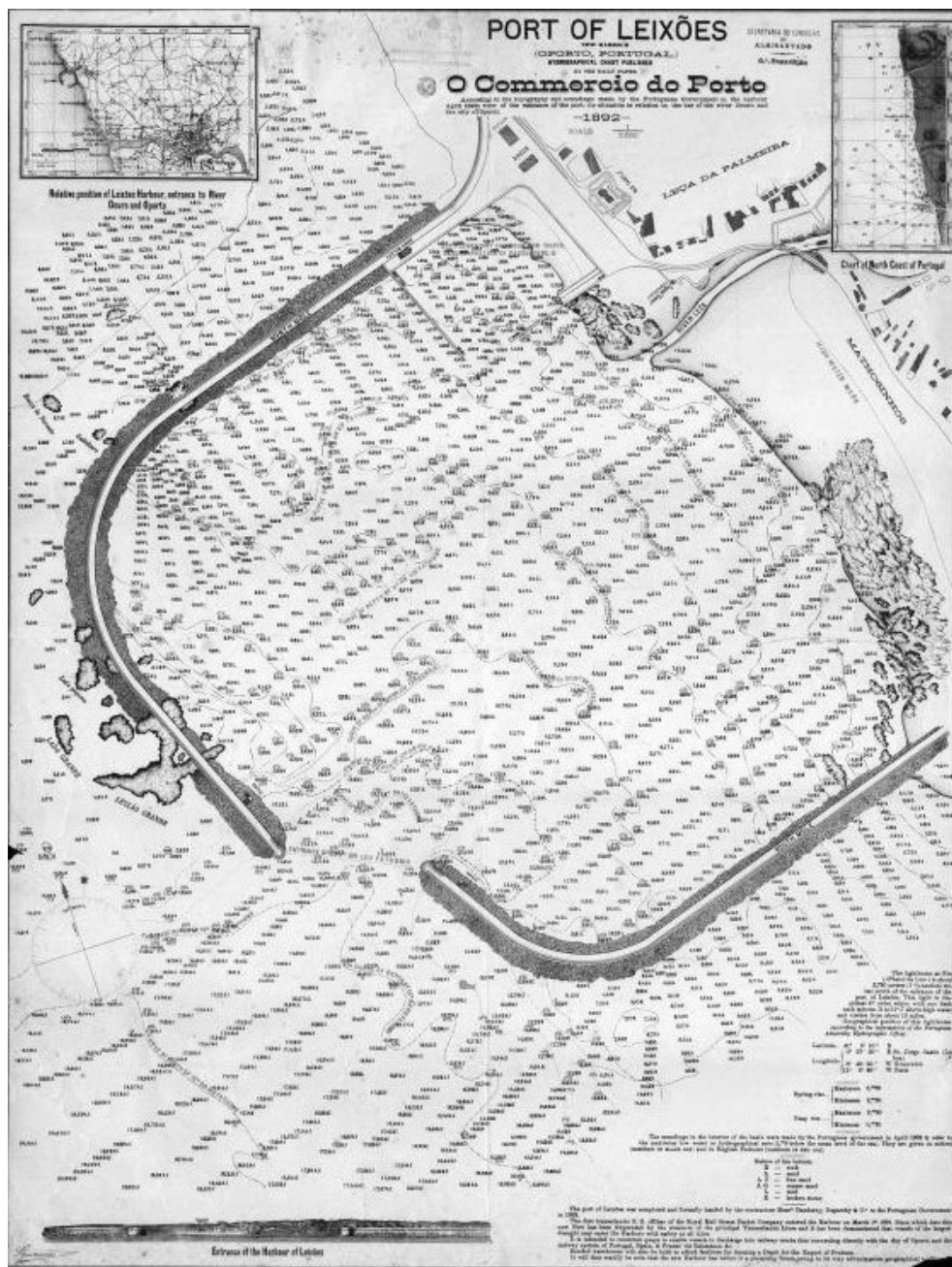


Figura 3. N. Soares, Porto de Leixões, 1883. Fonte: Jornal O Comércio do Porto.

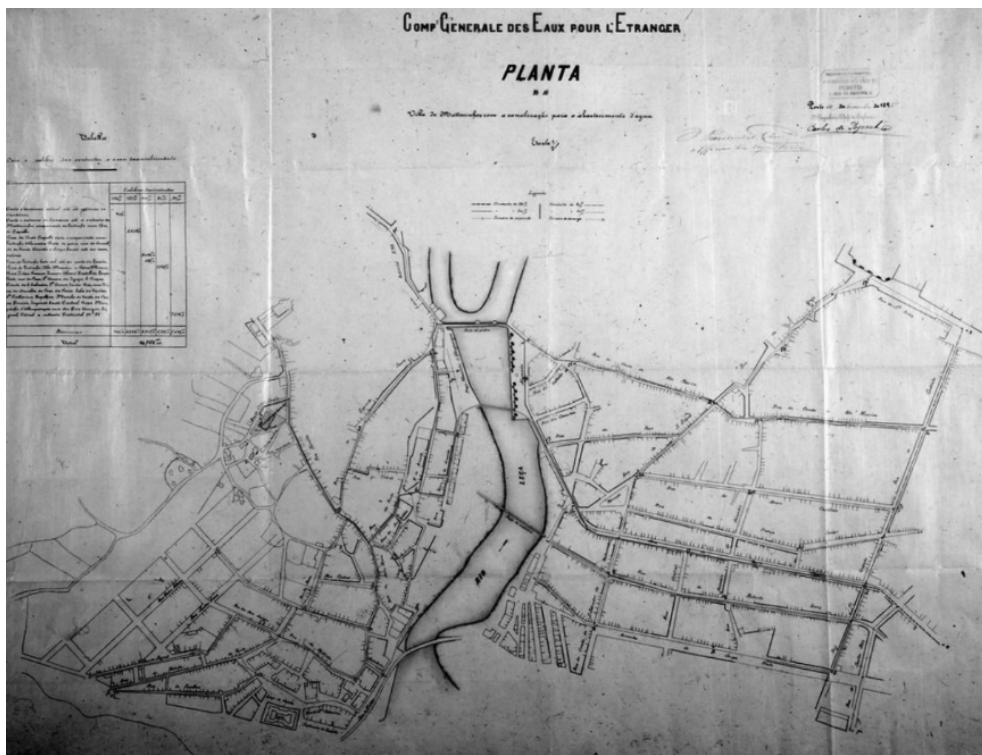


Figura 4. Matosinhos e Leça: planta, 1895, Fonte: Arquivo Histórico de Matosinhos.

A partir de então, o Porto de Leixões tornava-se uma presença marcante, senão dominante, na paisagem e no urbanismo de Leça da Palmeira. Discutida a sua necessidade devido à perigosidade crescente da transposição da barra do Douro em dias de tempestade, depois de várias tentativas, em 1883, foi aprovado o projeto do engenheiro Nogueira Soares (ffigura 3).

Construído entre 1884-1895, do mesmo ano da inauguração do Porto de Abrigo de Leixões, há uma planta do abastecimento de água de Matosinhos e Leça, elaborada pela Cie Générale des Eaux pour l'Étranger (figura 4), que nos permite ter uma perceção da malha urbana de ambas as localidades, verificando-se que enquanto Matosinhos parece recuar relativamente ao litoral, Leça da Palmeira, ao contrário, estende-se e espraia-se ao longo do rio e do mar, o que parece refletir, já na viragem do século, uma atração pelas suas frentes ribeirinhas.

Projetado inicialmente como “porto de abrigo”, logo em 1912 os molhes do Porto de Leixões tiveram de ser reforçados devido aos efeitos do temporal de 1911, que chegou a romper o paredão do molhe norte (Figura 5). A ideia de construir um “porto de abrigo” era a de oferecer um local de refúgio, durante as intempéries, às embarcações que demandavam a barra do Douro, até que as condições de navegação permitissem transpô-la, com segurança.



Figura 5. Efeitos do temporal de 1911 nos molhes do Porto de Leixões, Fonte: APDL

O “porto de abrigo” não proporcionava, portanto, condições de acostagem nem de desembarque de mercadorias, às embarcações que nele se refugiavam, as quais eram quase na totalidade barcos de pesca artesanal. Um projeto traçado em 1908 previa a transformação do “porto de abrigo” em “porto comercial”, desenvolvendo-se esse alargamento, por etapas, ao longo do século XX, rasgando e dragando o leito do rio Leça. Em 1912, uma primeira adaptação à navegação comercial, foi introduzida, alargando o paredão do molhe sul, de forma a adaptá-lo a cais de acostagem, enquanto junto ao arranque do molhe norte era criado um “porto de serviço”, com molhe de acostagem para a marinha mercante, edifícios do posto marítimo, de desinfecção e alfândega. Em 1940, seria inaugurada a Doca nº1 e, a montante desta, seria rasgada a Doca nº 2, cuja construção se iniciou em 1956, para só terminar em meados da década de 70.

Comparando a planta de 1912 (Figura 6) com a fotografia de 1950 (figura 7), percebe-se como era inicialmente magro o areal da praia de Leça. Deve-se ao assoreamento provocado pelo molhe norte, a formação do extenso areal que apresenta hoje a praia de Leça. Bem visível na foto de 1950, o areal estende-se ao longo desse molhe, até ao arranque da sua curvatura. Além disso, a adaptação do “porto de abrigo” a “porto comercial”, provocou a deslocação do Miramar para a Praia de Leça, passando aquele “castelinho” a constituir um dos seus mais peculiares *ex-libris*.

Elemento dominante da paisagem, importa, no entanto, reconhecer que o Porto de Leixões esteve na origem das excecionais condições veraneio da Praia de Leça, proporcionadas por tão extenso e largo areal. O mesmo sucedeu junto ao molhe sul, ao longo do qual se formou igualmente um vasto e longo areal. Leça da Palmeira

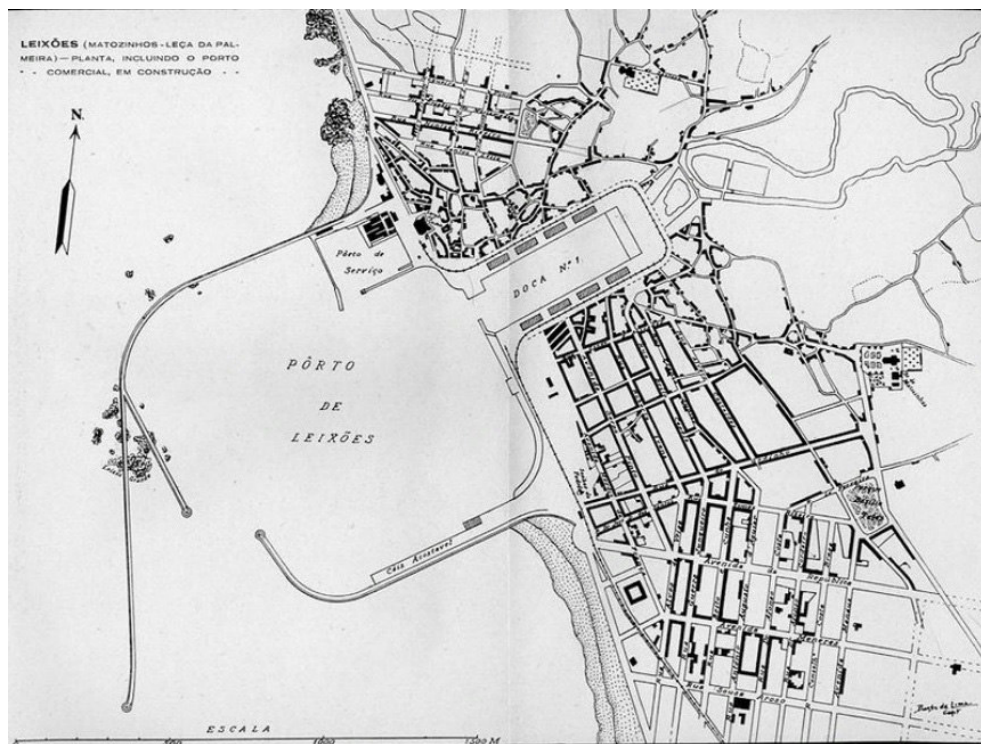


Figura 6. H. de Assunção, Porto de Leixões, 1912, Fonte: APDL.
 Figura 7. Praia de Leça da Palmeira, 1950, Fonte: Postais ilustrados antigos.

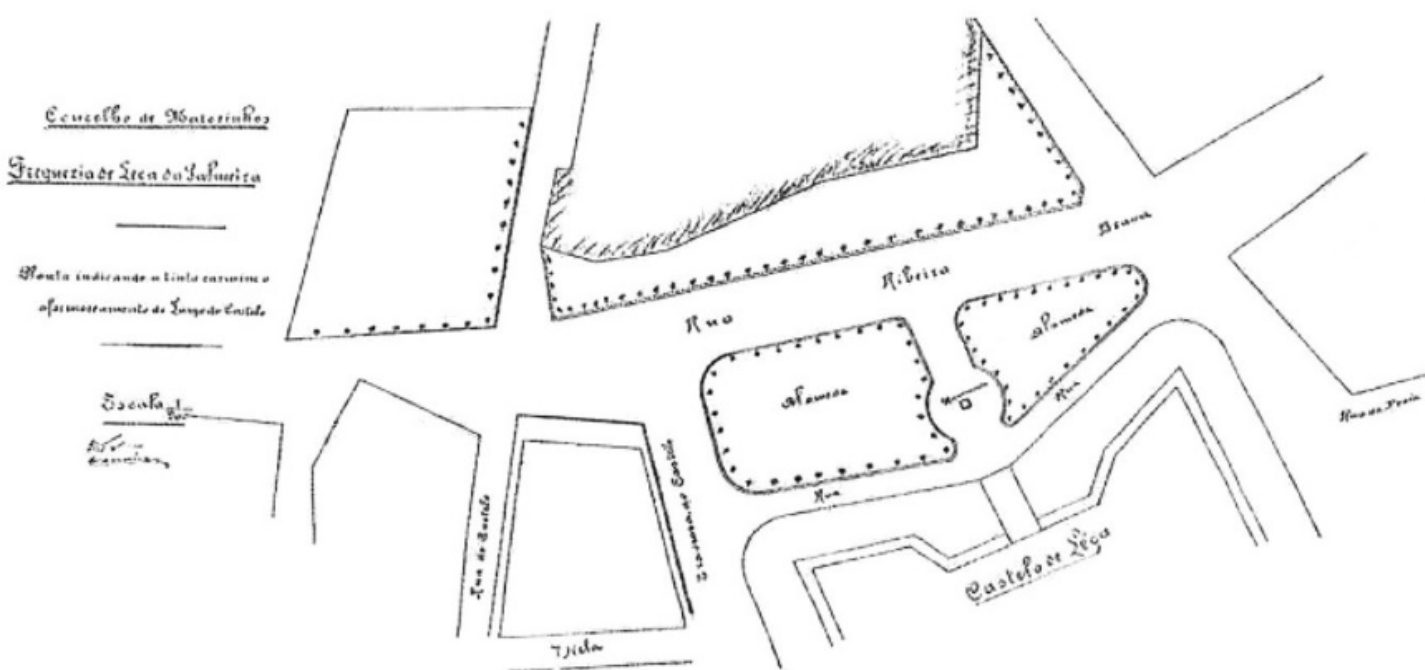


Figura 8. Projeto para o Aformoseamento do Largo do Castelo, 1920, Leça da Plameira (Fonte: Oliveira, 1999-2000, p. 109)

e Matosinhos ganharam assim frentes ribeirinhas urbanas, espaçosas e aprazíveis, se compararmos com a magra faixa costeira da orla marítima do Porto.

Figura 10. Arq.
Moreira da Silva,
Anteplano de
urbanização de
Matosinhos, 1944,
Fonte: Lobo, 1995





Figura 11. Marginal de Leça, 1966, sentido N-S. Fonte: arquivo A. Siza.
Figura 12. Marginal de Leça, 1966, sentido S-N. Fonte: arquivo A. Siza



Figura 13. Refinaria da Sacor, 1969, Fonte: Facebook

Em 1928, por sua vez, iniciou-se a construção da Avenida Beira-Mar. Foi terraplanada uma extensão de 1500 metros, até Fuzelhas, para onde foi aprovado o Projeto de um pequeno parque na Avenida Beira-Mar.

O embelezamento dos espaços prosseguiu, e de acordo com o Relatório Decenal de 1936-45, nesse período foi ajardinado o Largo de António Nobre, “frente à praia de banhos”, tendo sido implantado, em 1933, um monumento dedicado ao poeta, encimado por uma réplica do busto de Tomás Costa, na praça junto à Rua que tem o seu nome. Desse período data também a lápide de mármore, implantada nos rochedos da Boa Nova, com uma quadra de António Nobre, que refletia as subtilezas da poética simbolista (Figura 9).

Já em 1944, o arquiteto Moreira da Silva havia elaborado o Plano de Urbanização da Vila de Matosinhos-Leça (Lobo, 1995, p. 156), que pretendia urbanizar a área entre o farol da Boa Nova, e a rua de Nogueira Pinto (Figura 10).

Reivindicada desde os Anos 30, mas sucessivamente adiada, a Marginal de Leça seria enfim rasgada em 1950, entre o molhe norte do porto de Leixões e o lugar da Boa Nova, onde a partir de 1927, entrara em funcionamento o monumental Farol da Boa Nova, – o segundo mais alto do País, e o primeiro com funcionamento integralmente eletrificado, em substituição do Farolim da Boa Nova que existira entre 1916 e 1926, junto à Capela de São Clemente das Penhas, edificada no séc. XVIII, onde antes havia existido, um pequeno mosteiro franciscano,¹ ali implantado em 1392, como se lê numa inscrição sobre uma rocha, no local.

Esse farolim, cuja base de assentamento ainda se reconhece facilmente, foi demolido em 1950, aquando da construção da Avenida Marginal, terminada em 1953, a qual receberia o nome de Avenida dos Centenários, passando então entre o Farol da Boa Nova e a beira-mar.

Em 1966, a Marginal de Leça (Figura 12) aparece encaixada entre dois elementos marcantes: a Sul, o Porto de Leixões; a Norte, a Refinaria da Sacor, cuja implantação, em Leça, havia sido decidida, em 1964, pelo Ministro da Economia². A construção iniciou-se logo a seguir, tendo entrado em laboração, em 1969

1 Ver ficha do SIPA, disponível em: http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=30654

2 Ver cronologia Engenho e Obra, aqui: http://www.engenhoeobra.net/esxx_investigacao_22.asp?iconografia=80245



Figura 14. Álvaro Siza, Plano Urbanístico para a Marginal de Leça e zona da Boa-Nova, 1966, Solução II, Fonte: CCA, Canada.

(Figura 13). Desde então, sofreu sucessivas ampliações, até encerrar em 2021.

Apesar da sua denominação historicista, a Marginal de Leça ligava três importantes estruturas. Duas marítimas: um porto de mar e um farol. Outra industrial: uma refinaria de petróleo.

As duas primeiras, têm vindo a adaptar-se a novos meios e métodos, designadamente o Porto de Leixões cuja adaptação à moderna navegação culminou com a construção do Terminal de Cruzeiros, junto ao molhe Sul. Já a refinaria de Leça, começou a ser desmantelada em 2023.

O encerramento da Refinaria de Leça dará origem a um vastíssimo terreno, e a sua ocupação determinará em grande medida o futuro da sua frente ribeirinha, segundo a opção a seguir for a de a densificar ou ao contrário de a naturalizar. Não obstante, à parte a decisão já tomada de implantar na zona um polo tecnológico da Universidade do Porto, permanece ainda desconhecido, pelo menos do público, o destino que será dado àquele terrain vague (Solà-Morales, 1995).

Curiosamente, porém, da mesma forma como o Porto de Leixões, ao fazer crescer o seu areal, levou a que Leça da Palmeira se tornasse uma instância de vilegiatura, já o farol da Boa Nova, por sua vez, levou a que nascesse, na marginal aquela que viria ser, na verdade, a primeira *waterfront* modernista, em Portugal. Essa circunstância resultou da visão de um talentoso e jovem arquiteto: Álvaro Siza Vieira.

É certo que, o Plano de Moreira da Silva, previa já, em 44, o traçado de uma frente urbana de feição residencial em Leça, onde se preconizava a construção de uma piscina, de uma esplanada térrea e de um restaurante panorâmico. É certo, também, que Leça possuía um conjunto de valores naturais, culturais e paisagísticos particularmente ricos e diversificados.

A visão que logrou estruturá-los e articulá-los, ativando o potencial estético, funcional e vivencial que nos mesmos se encontrava patente, foi a visão do arquiteto Álvaro Siza. Nascia assim o Plano Urbanístico para a Marginal de Leça e zona da Boa-Nova (Figura 14), desenvolvido por Siza entre 1960 e 1984.





No espaço: em deriva pela Marginal de Leça

A construção do todo e o cuidado com as partes. A fusão entre a forma e o fundo. Em deriva pela Marginal de Leça, são estas duas frases que me assaltam o pensamento. Longe de mim século e meio de transformação. Assim chegámos ao presente. Carregados de informação sobre a acção de inúmeros criadores, estamos perante a criação. A marginal é toda em si uma obra, um objecto único sublinhando o que deixou de ser apenas paisagem – como se pouco já fosse – e passou a ser território, humanizado pelo rasgo de muitos e fixado, talvez para sempre, pelo génio de um só. Álvaro Siza define-se, apesar de muitos outros lugares arquitectados, por esta combinação singular de sorte e mestria, aqui. Não mais faltaria para resumir o seu acto de magia, qual extensa escultura espalhada, saboreando as rochas, dialogando com o mar e inventando um sítio, com o sítio, simultaneamente um limite e um limiar.

E se um dia um viajante voltasse dos tempos idos e percorresse esta linha intermitente, feita de cheios e vazios, de múltiplos formas e volumes combinados numa brincadeira sóbria com o que fica do que está, se espantasse com os deuses da terra e libertasse a palavra da beleza e do belo? Qual melhor recanto encontraria que não este?

Esse *flâneur* voltaria a sonhar com perder-se nas margens do Atlântico e devolveria ao olhar a arte de ver, descansando no seu caminho de perder-se tantas vezes, ali, à boca da praia, perante a altivez de algo que deixou há muito de ser projecto e passou para a constelação dos lugares imaginados que desde sempre estiveram lá, como se nunca outrora nada tivesse havido senão.

Mais havia para além da esteira de pedra miúda: a linha que o conduzia pela costa, segmento que a visão alcançava e não o deixava perseguir a recta, rumo ao norte. Envolto na bruma que avança de poente assoma-se ao muro que se destaca do chão que, até então, era completamente seu e partilha o andar com a intermitência do construído que o acolhe.

Páginas anteriores.

Figura 15. Mário Mesquita, Piscina das Marés, 2024

Figura 16. Mário Mesquita, Piscina das Marés, 2024

Figura 17. Mário Mesquita, Piscina das Marés, 2024

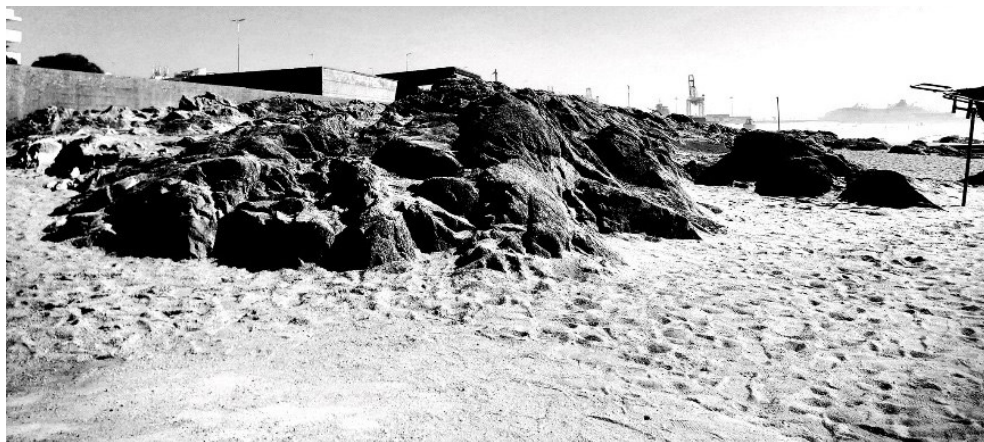




Figura 18. Mário Mesquita, Casa de Chá da Boa Nova, 2024

Figura 19. Mário Mesquita, Casa de Chá da Boa Nova, 2024

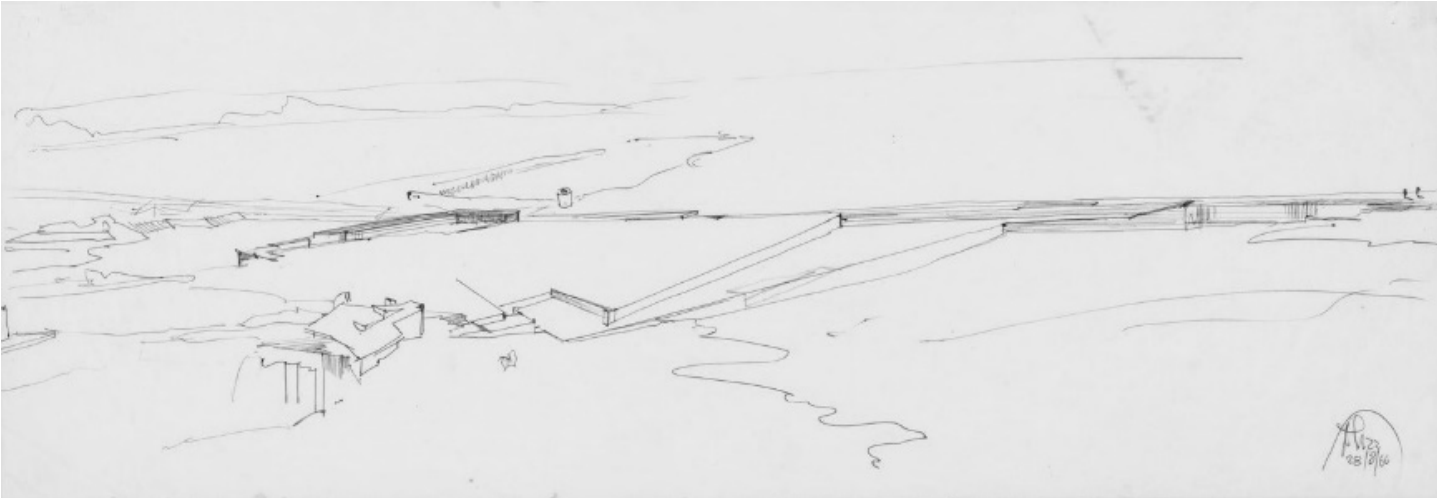


Figura 20. Álvaro Siza, Plano Urbanístico para a Marginal de Leça e zona da Boa-Nova, 1966, desenho, Fonte: CCA, Canada.

Sentado, após o labirinto bruto, repousa o olhar no sublime abraço que aquele, em plataformas que se desenham com o penedio, se enche de areia e doméstica a água, já não mais selvagem.

A arquitectura das marés, incorporada no desenho do criador deste pequeno mundo, forma e conforma a piscina muito para além do acto humilde do viajante de banhar os pés nus. Areia, rocha, betão e madeira solvida em petróleo negro fundem a forma que deixa para trás, de novo no caminho da estrada.

Ao fundo, uma casa de chá, lhe chama quem avisa o viajante. Ao longe, esperando o curto caminho que se faz na sombra baixa dos raios de sol de fim de tarde. Só, de nome Nobre, como o dono do poema inscrito na rocha que ampara o sagrado monumento que lhe dá fundo.

Os muros brancos que definem limites e nos levam para escadas sem anteparo riscando a linha do horizonte com o seu patamar. O viajante é sorvido à sua deriva e chega por fim à obra-prima que se ilude com as rochas, um grande plano de telha dourada levantada pelo alçado do vidro encaixado em junta seca.

Para além, só tem o mar.

E tudo volta a desaparecer no nevoeiro que já não deixa ver o caminho atrás, agora somente uma ilusão dos recortes tão definidos de antes.

Rumo à “Artequitectura”

Ainda que conceptualmente errante, toda a deriva-deambulação tem um fito. O *flâneur* é um fruidor que visa captar com a máxima frescura as sensações do mundo. A deriva é a forma de celebrar o *rendez-vous* de si com o mundo. Ou, outras vezes, apenas o *rendez-vous* consigo mesmo.

No caso da deriva-deambulação pela marginal de Leça da Palmeira, fundado na partilha de perceções e de sentidos, dois percursos distintos culminaram num entendimento comum de que, ali, a arquitetura, o desenho urbano, o paisagismo e o património se entrelaçavam numa espécie de unidade orgânica – um corpo – cujo modelador foi a arte.

À falta de melhor designação, chamámo-lhe “artequitectura”.

Para criar a “artequitectura”, Siza possuía uma ferramenta prodigiosa: o “desenho habitado”. Uma ferramenta espacial, conceptual e projetual, eminentemente sua, que na marginal de Leça da Palmeira viria a ser, pela primeira vez, posta à prova, à escala do território. E o esquisso que Álvaro Siza dele faz (figura 20), é eloquente no que se refere à génese de uma visão integrada, coerente e consistente da criação de um novo espaço, a partir de um espaço dado.

“Desenho habitado”, para nós, é aquele que em vez de conceber-se como criação plástica no espaço, se concebe como criação plástica do espaço. Tal como o mapa não é o território que representa, também o “desenho habitado” não é a representação da obra a que se refere, mas antes o seu lugar de gestação, i.e., de gestação do seu próprio espaço. O “desenho habitado” instaura a obra, mas não a descreve nem explicita. É habitado não tanto pela forma e pelos aspetos, já que estes são na verdade instâncias da gestação do próprio espaço, mas antes pelo carácter do lugar, captado e interpretado pela visão do “artequitecto”, concebendo-se como incorporação de um novo espaço, num espaço dado, pois todo o espaço é, afinal, espaço aberto a novas instaurações, como num palimpsesto.

O “desenho habitado” de Siza torna-se assim um instrumento eminentemente performativo, que se desdobra em sucessivas instâncias, ou atos, de um mesmo enredo. O enredo da criação.

O desenho habitado instaura o espaço arquitetónico como ato criativo, ou seja, como obra de modelação plástica: uma espécie *sui generis* de escultura para a utilização. Chamos por isso a esse ato um exercício de “artequitectura”. No final, tudo se passa como se o projeto deixasse de ser o instrumento de instauração da arquitetura, mas sim o desenho.

São estes os atos dessa performance modificadora/instauradora de espaços que se sucedem:

1. A Casa de Chá da Boa Nova	1. A Linha do Mar
2. O Memorial a António Nobre	2. A Piscina das Marés

A Casa de Chá da Boa-Nova

A Casa de Chá da Boa-Nova foi uma instância verdadeiramente instauradora. Com ela nasceu a arquitetura contemporânea em Portugal, como “artequitectura”! Orgânica e ancorada ao lugar, minimalista pelo desenho, brutalista pelo betão aparente da fachada ocidental, preciosa pelo *design* do mobiliário dos *maples*, dos bancos e das luminárias, à boa maneira do movimento britânico *arts and crafts*, a casa de chá remete-nos para o requinte da intimidade doméstica, aqui consagrado ao uso público, como serviço municipal, assaz distinto daquele que foi o seu programa inicial.

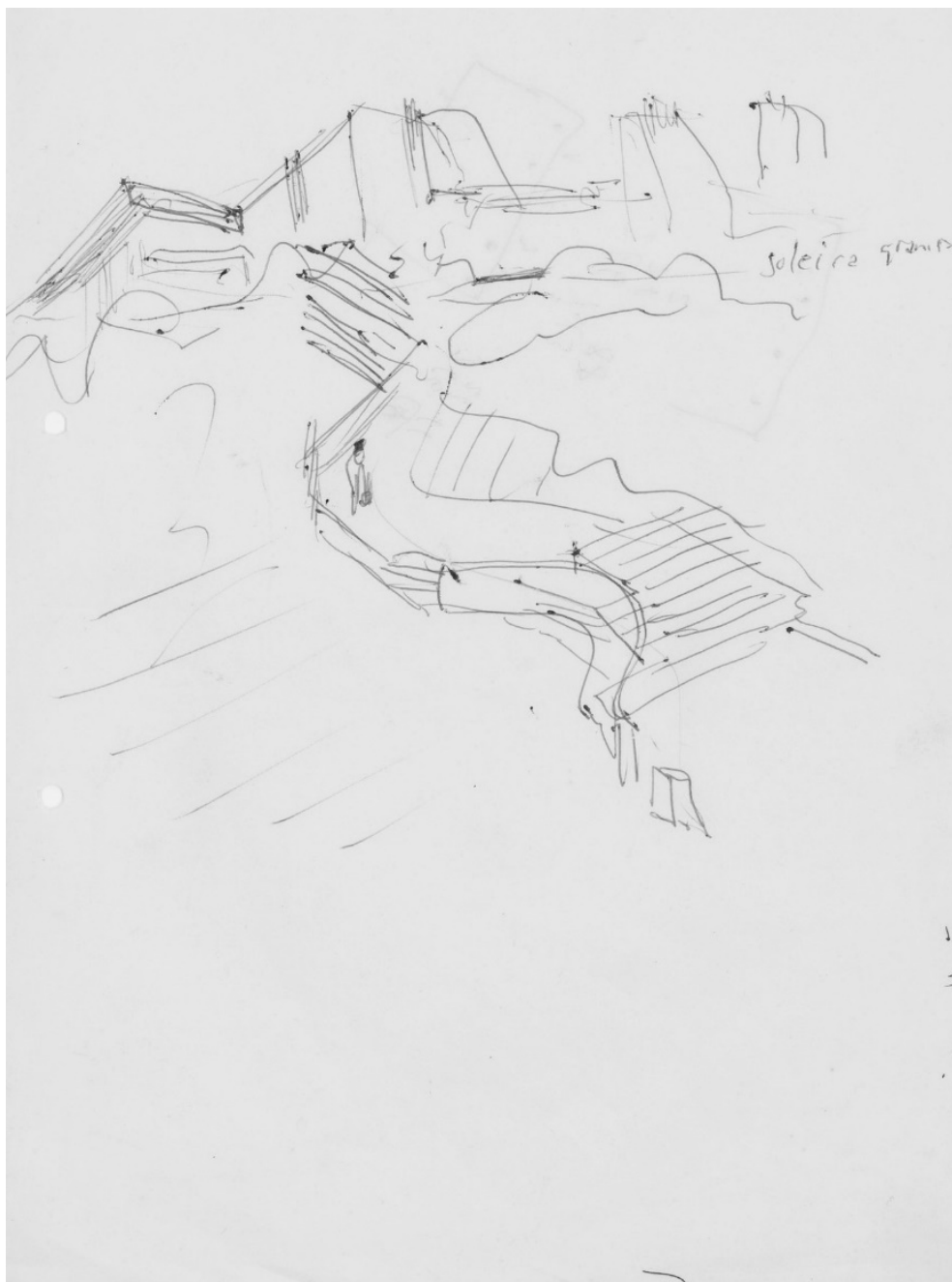


Figura 21. Siza, Casa de chá, esquisso, CCA.



Figura 22. Siza, Casa de chá, esquisso, CCA.



Figura 23. Siza, Casa de chá, esquisso, CCA.

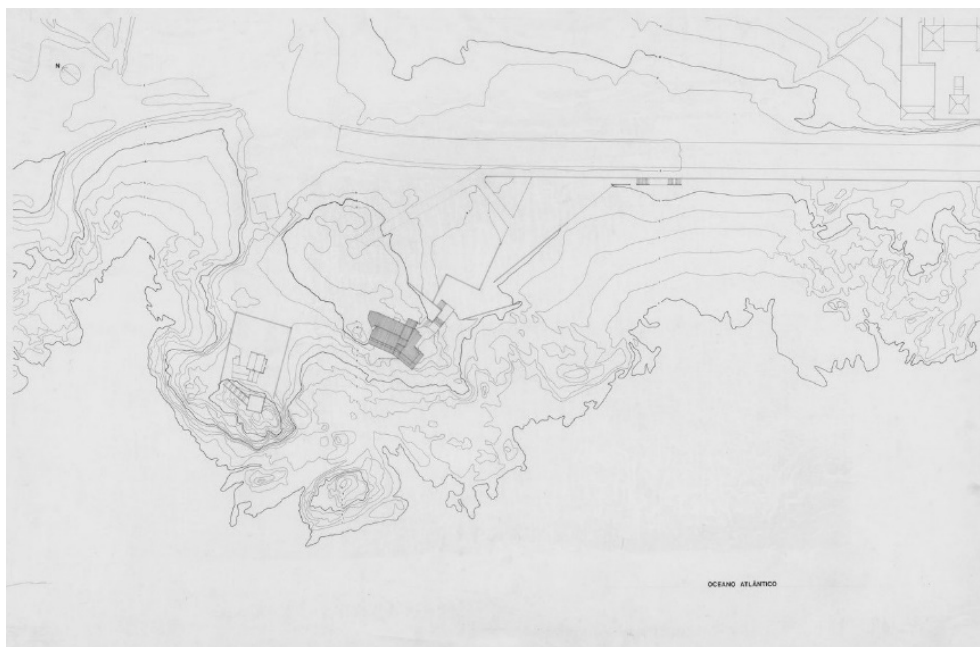


Figura 24. Siza, Casa de chá, 1958, Planta topográfica com implantação da Casa de Chá da Boa Nova. Fonte: CCA.

Classificada como Monumento Nacional, em 2011, e travestida, a partir de 2014, de restaurante *gourmet* (Andrade, 2014), engalanada com duas nomeações (2016 e 2019) pelo Guia da Michelin, a Casa de Chá da Boa Nova obteve uma espécie de seguro de vida de 20 anos, renovável, que descaracteriza e desmerece a sua função e vocação original, destoando aristocraticamente com a sua irmã-gêmea, a democrática, quando não plebeia, Piscina de Leça, afinal, também esta, classificada como Monumento Nacional.

O monumento a António Nobre

O Monumento a António Nobre começou a ser concebido em 1967, ano do centenário do nascimento do autor. É desse ano, o projeto do monumento que já prevê, e indica, o local de implantação das estátuas do Poeta, com a sua capa coimbrã, das classicizantes Musas (para nós, leitoras abnegadas do Poeta, em vez de suas inspiradoras) modeladas pelo escultor Barata Feyo, em 1970, assim como a dedicatória em granito – um agigantado *passe-partout* de mesinha de cabeceira – que transforma o conjunto em memorial, onde se lê um excerto do poema *D. Enguiço*, publicado em *Só*: “Farto de dores com que o matavam, partiu em viagem por esse mundo” (Nobre, 1921, pp. 68-70), mais a escadaria e a rampa de acesso a cadeira de rodas que, logo em 1967, permitia vencer o desnível entre o recinto do memorial e o passeio da Avenida da Liberdade, projetada, também ela, por Siza, mas aberta apenas em 1980, ano em que foi inaugurado o memorial.







Figuras 25 a 29. Mário Mesquita, Casa de Chá da Boa Nova, 2024

Também aqui, apesar do recorte figurativo e alegórico das estátuas, vivenciamos uma viagem que se espraia pelo espaço e se prolonga no tempo. Tempo de percorrer e tempo de rememorar, definido pela marcação de percursos e pelo assinalar de intenções, através de signos singelos, mas poderosos. Em vez do pedestal honorífico que glorifica e afasta o notável do comum, a elevação do terreno que importa vencer, para aceder ao maciço rochoso que desempenha um papel metafórico na equação, ao integrar, na rememoração, a própria terra, e com ela tudo o que é perene e proeminente.

A Linha do Mar

A Linha do Mar não é uma criação plástica de Siza, mas de Pedro Cabrita Reis, e a sua inserção na Marginal de Leça serve para lembrar que uma frente ribeirinha não forma um conjunto monumental estático, destinado a manter e a preservar. Em vez disso, é um privilegiado lugar de arte, como sugere a expressão britânica *Waterfront of Art*. A implantação da escultura A Linha do Mar, desempenha, por isso, na Marginal de Leça, um papel equivalente à implantação da escultura *She Changes*, de Janet Echelman, na Marginal de Matosinhos, funcionando como uma estimulante presença da atualidade artística. A um tempo completamente



Figura 30. Siza, Monumento a Antônio Nobre, 1967, esquisso, CCA.

Figura 31. Siza, A Antônio Nobre, 1967, planta, CCA.





Página anterior. Figura 32. Siza, A Antº Nobre, 1980, granito.

Página atual. Figura 33. Foyo, Antº Nobre e Musas, 1980, bronze.
Fonte: JG Abreu.

Figura 34. Pedro Cabrita Reis, A Linha do Mar, 2019, Ferro pintado. Fonte: JG Abreu





Figura 35. Pedro Cabrita Reis, 2019, A Linha do Mar, desenho. Fonte: CMM.

inesperada e integrada, a peça de Cabrita Reis evoca a ondulação do mar e traz-nos para terra a brancura da rebentação das ondas, como que transfigurando a dureza, densidade e peso das vigas de ferro que usa, numa espécie de cadência rítmica que inscreve no sítio a graciosidade musical.

A Piscina das Marés

A Piscina das Marés desenvolve-se paralela à avenida da Marginal de Leça a um nível suficientemente baixo para que a sua presença liberte a paisagem. Como diz, no Inquérito à Arquitectura Portuguesa do século XX (Equipa IAPXX Norte), o arquitecto Sérgio Fernández:

Os diferentes corpos da construção e uma série de paredes longas estão dispostos longitudinalmente com ocasionais desvios (angulares) de geometria, muitas vezes desalinhados entre si, configurando-se como um todo orgânico. (Fernández, 2006).

E acrescenta:

Mais do que a definição de formas, a construção como um todo parece estar subordinada à definição de percursos entre paredes. Virado para uma

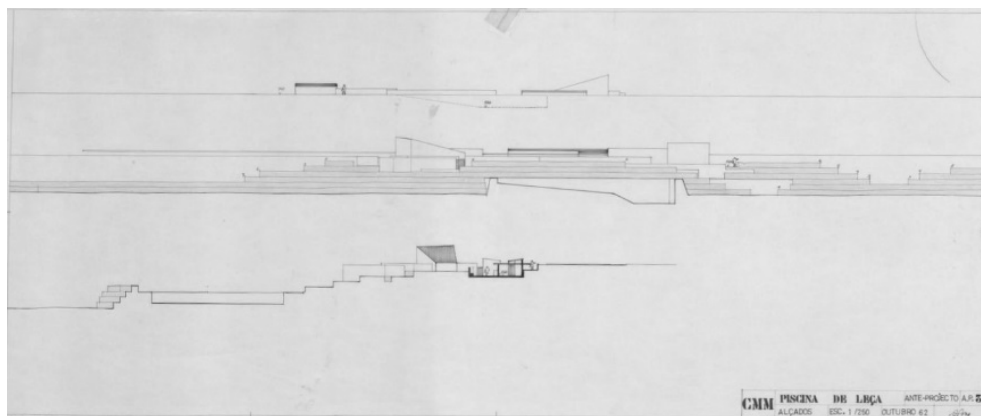
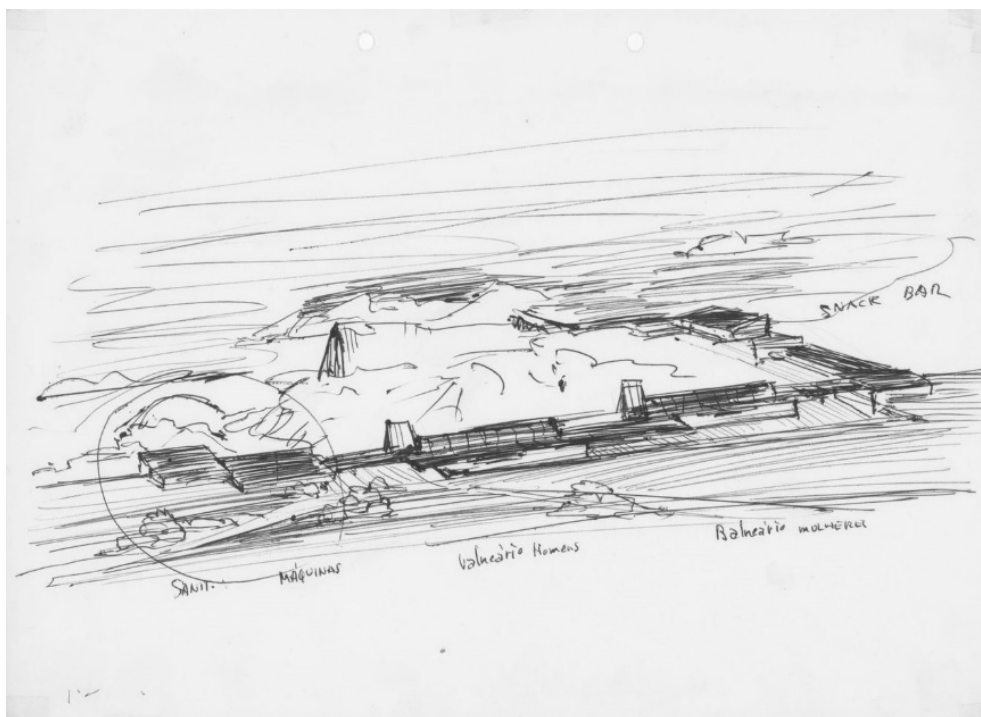


Figura 36. Álvaro Siza, Piscina das Marés, 1961, esquisso. Fonte: CCA.

Figura 37. Álvaro Siza, Piscina das Marés, 1962, Planta. Fonte: CCA.

paisagem dominada pelo mar, o terreno é o suporte de um labirinto que, ao contrário da *promenade architecturale* de Le Corbusier, esconde mais do que oferece (Fernández, 2006).

A partir daí, desce-se uma rampa que alarga a perspectiva até à entrada, recatada à esquerda do conjunto. Entrando, passa-se o filtro das zonas de balneário, após o que, ainda nas palavras de Sérgio Fernández,

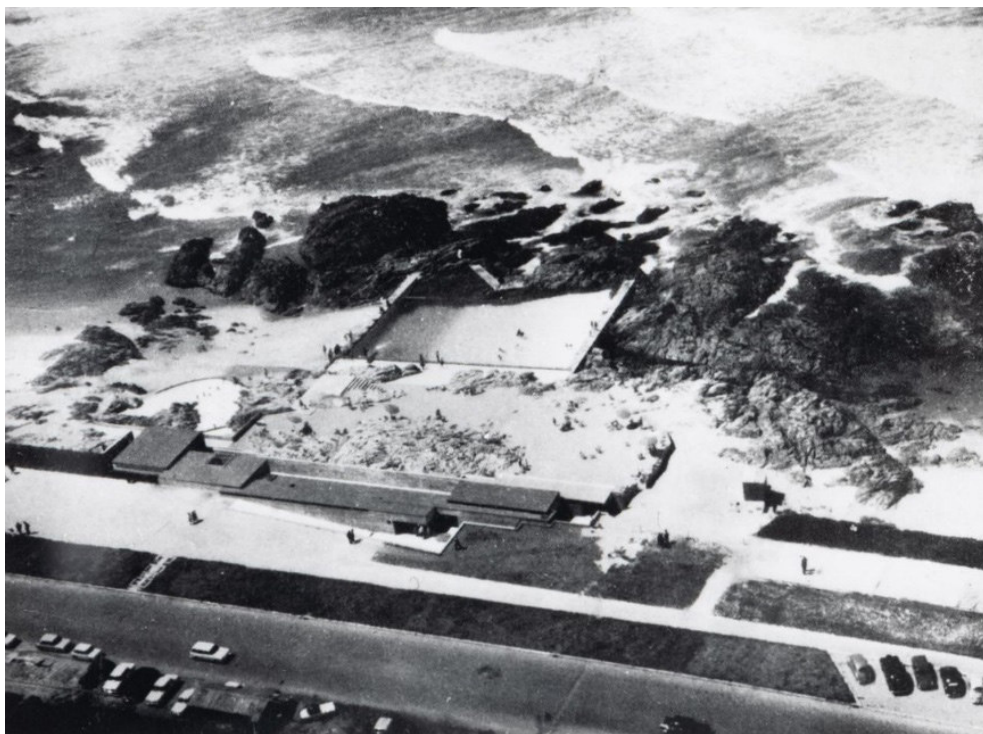


Figura 38. Álvaro Siza, Piscina das Marés, 1966, Fotografia. Fonte: CCA.

(...) é acompanhada, novamente descoberta, por uma parede de tela que se interpõe, ao longo de toda a sua extensão, com a proximidade da praia. O caminho para a piscina infantil é uma espiral que gira sobre si mesma em dois níveis diferentes (Fernández, 2006).

Na Piscina, o espaço (que os muros de betão não suavizam) está subordinado à praia.

Abreviaturas

APDL – Administração do Portos do Douro e Leixões

CCA – Canadian Center of Architecture

CMM – Câmara Municipal de Matosinhos



Figura 39. Mário Mesquita, Piscina das Marés, 2024

Referências

ANDRADE, S. G.. Casa de Chá da Boa Nova regressa às origens. **Público**, edição de 18 de julho de 2014.

LOBO, M. S.. **Planos de Urbanização**. A Época de Duarte Pacheco. Porto: FAUP, 1995.

OLIVEIRA, J. M.. Leça da Palmeira: lazer e evolução urbana litoral entre finais do século XIX e meados do século XX. **Revista da faculdade de Letras – Geografia**, I série, vol. XV/XVI, Porto, pp. 97-115, 2000.

ORTIGÃO, R.. **As Praias de Portugal**. Guia do Banhista e do Viajante, Porto: Magalhães e Moniz Editores, 1876.

NOBRE, A.. **Só, Porto**: Tipografia de “A Tribuna”, 4ª Edição, 1921.

SOLÀ-MORALES, I.. Terrain Vague. **Anyplace**, Cambridge, MA: MIT Press, pp. 118-123, 1995.

TOSTÕES, A.; FERNÁNDEZ, S. (Orgs.). **Inquérito à Arquitectura do Século XX em Portugal**. Lisboa: Ordem dos Arquitetos, 2006.

José Guilherme Abreu

Investigador Permanente (CITAR - Centro de Investigação em Ciência e Tecnologia das Artes). Professor do Quadro (ESDD: Santo Tirso, PT, Departamento de Ciências Sociais). Doutoramento em História da Arte Contemporânea (Universidade Nova de Lisboa Faculdade de Ciências Sociais e Humanas: Lisboa, PT). Mestrado em História da Arte em Portugal (Universidade do Porto Faculdade de Letras: Porto, Porto, PT, Departamento de Ciências e Técnicas do Património).

ID ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4022-7771>

Mário Mesquita

Doutorado em Arquitetura em 2015/12/16 pela FAUP. Mestre em Planeamento e Projeto do Ambiente Urbano em 1998/11/20 pela FAUP/FEUP. Licenciado em Arquitetura em 1995/07/15 pela FAUP. Professor Auxiliar na FAUP.

ID ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1517-3089>